



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MANUELA PINHEIRO DE LIMA

**PERFIL DOCENTE DO PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE A
REALIDADE DE QUIXADÁ**

QUIXADÁ - CE

2015

MANUELA PINHEIRO DE LIMA

**PERFIL DOCENTE DO PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE A
REALIDADE DE QUIXADÁ**

Trabalho monográfico apresentado ao
Curso de Especialização em Docência na
Educação Infantil ofertado pela Faculdade
de Educação da Universidade Federal do
Ceará – UFC, Campus Benfica.

Orientador: Prof. Dr. Messias Holanda
Dieb.

**QUIXADÁ – CE
2015**

MANUELA PINHEIRO DE LIMA

**PERFIL DOCENTE DO PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE A
REALIDADE DE QUIXADÁ**

Trabalho monográfico apresentado ao
Curso de Especialização em Docência na
Educação Infantil ofertado pela Faculdade
de Educação da Universidade Federal do
Ceará – UFC, Campus Benfica.

Orientador: Prof. Dr. Messias Holanda
Dieb.

Aprovado em 17 de maio de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Messias Holanda Dieb (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof^ª. Dr^ª. Rosimeire Costa de Andrade Cruz
Universidade Federal do Ceará – UFC

Dedico este trabalho à minha família com amor, em especial ao meu querido e amado avô, que nos deixou para morar junto ao Pai eterno.

Agradecimentos

A Deus, em primeiro lugar.

A minha família, pelo incentivo e amor dedicados ao longo destes anos de estudos, assim como durante toda minha existência.

Às minhas amigas do curso de especialização pela parceria formada durante este período.

Aos professores que, com competência e responsabilidade, acrescentaram conhecimentos, nos permitindo a reelaboração de novos conceitos.

Ao Prof. Dr. Messias Holanda Dieb, em especial, pela dedicação, atenção e orientação sem as quais este trabalho não teria se efetivado.

Aos professores Dr. Júlio Araújo e Dra. Rosimeire Andrade, de forma muito especial, por terem aceitado meu convite e participado de minha banca de defesa, na qual ofereceram valiosas contribuições para a versão final. Agradeço pela leitura cuidadosa e atenta de minha pesquisa.

A todas as professoras das Instituições da educação Infantil que participaram desta produção.

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o perfil dos professores da Educação Infantil no município de Quixadá-CE. Os sujeitos que participaram desta pesquisa foram de duas instituições de educação infantil. Ao todo, participaram seis professoras efetivas da rede pública do município de Quixadá-CE, com as quais utilizamos a entrevista como instrumento para construção de dados. Para o alcance de nosso objetivo, foram utilizados como apoio teórico os trabalhos de Freitas (1999), Gomes (2009), Leite (2011), Oliveira (2006), Bernard Charlot (2012), entre outros. Os dados, após serem analisados, mostram que as professoras da pré-escola reconhecem a importância da formação docente como forma de aprimorar os seus conhecimentos. Além disso, as docentes revelam que esta é uma prática do município, através do programa de governo estadual, a exemplo do Programa de Alfabetização na Idade Certa e de editoras que têm contribuído para suas formações. Nesse sentido, conclui-se que, quando a formação faz parte da política educacional e há um empreendimento para esse fim, os resultados da Educação Infantil serão favoráveis, tendo em vista a presença de profissionais habilitados e com competência técnica para promover o cuidar e o educar das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Formação Profissional. Docente.

The present paper intends to perform a study about the child teachers profile in the city of Quixadá-CE. The individuals who participated in this study were from two childhood education centers. In all, six public school teachers from Quixadá participated, with whom we used the interview as a tool to build up data. In order to achieve the goals established, we used as theoretical background the researches of Freitas (1999), Gomes (2009), Leite (2011), Oliveira (2006), Bernard Charlot (2012) and others. The data, after they were analyzed, showed that the preschool teachers recognize the importance of teacher training as a way to improve their knowledge. Besides, the teachers reveal that this is a common practice in the city, through a state government program, for example Alfabetização na Idade Certa (Literacy at the right age) and publishers that have contributed to their formation. In this regard, it was concluded that, when training makes part of the educational policy and there are efforts to this end, the results on childhood education will be favorable, in view of the presence of qualified professionals and with technical competence to promote care and children education.

Keywords: Childhood Education. Professional Training. Teacher.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 A pré-escola e a formação de professores.....	14
2.2 O professor de pré-escola e sua profissão: a questão da identidade profissional e da relação com o saber.....	19
CAPÍTULO III – METODOLOGIA.....	23
3.1 O tipo de pesquisa realizada.....	23
3.2 O contexto e o lócus da pesquisa.....	24
3.3 A caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	26
3.4 A construção dos dados.....	28
3.5 Tratamento e análise dos dados.....	30
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS.....	31
4.1 O ingresso da profissão.....	31
<i>4.1.1 Devido à carência de professores.....</i>	<i>31</i>
<i>4.1.2 Por identificação com a profissão de professor.....</i>	<i>33</i>
<i>4.1.3 A convite da secretaria.....</i>	<i>35</i>
4.2 Os móveis acerca da profissão.....	36
<i>4.2.1 O vínculo afetivo com a criança.....</i>	<i>37</i>
<i>4.2.2 A aprendizagem da criança.....</i>	<i>38</i>
<i>4.2.3 O reconhecimento dos pais.....</i>	<i>39</i>
4.3 As imagens de si.....	40
<i>4.3.1 Alguém que precisa estar sempre se atualizando e precisa da experiência do colega.....</i>	<i>41</i>
<i>4.3.2 Alguém apaixonado pelo que faz.....</i>	<i>42</i>
<i>4.3.3 Alguém que educa ao passo que cuida da criança.....</i>	<i>43</i>
<i>4.3.4 Alguém extremamente responsável.....</i>	<i>44</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
Pontos essenciais do trabalho.....	46
Implicações da pesquisa.....	48
Sugestões de continuidade da pesquisa.....	49

REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES.....	53
Apêndice A – Termo de Consentimento e Roteiro da Entrevista.....	54

CAPÍTULO I

Introdução

A Educação Infantil (EI) é a etapa da educação em que a criança aprimora a aprendizagem e o desenvolvimento de suas habilidades, capacidades psicomotoras, valores, hábitos e atitudes. Nesse sentido, trata-se de uma etapa da vida da criança que deve ser aperfeiçoada e planejada com vistas a promover o seu desenvolvimento, não podendo ser conduzido de qualquer modo. Por esse motivo, os administradores públicos e coordenadores da Educação Infantil precisam ter um olhar voltado para atender a essa demanda de acordo com suas especificidades, sobretudo dispondo de profissionais com competências e habilidades adequadas para assegurar à população infantil o direito que lhes é devido.

Nessa perspectiva, a formação do professor se configura como um fator de extrema relevância nas instituições que atendem crianças de 0 a 5 anos. Assim, segundo o que afirma Freitas (1999), a formação constitui um sustentáculo para que o professor esteja apto à realização de um trabalho de qualidade, na intenção de promover e contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Com a formação do professor, vislumbram-se questões ligadas às práticas pedagógicas em sala de aula e ao embasamento teórico e legal do cuidar e educar. Além disso, é preciso fortalecer a formação contínua dos professores e os processos avaliativos de que serão protagonistas, além, é claro, da potencialização desse profissional para agir de forma específica e para um fim determinado: promover o desenvolvimento integral das crianças.

Nesse sentido, a formação do professor canaliza os elementos que serão importantes tanto para o enriquecimento da aprendizagem deste como das próprias crianças, pois, a partir do momento em que o professor deixa migrar os conhecimentos adquiridos em seu processo de formação para a prática de sala de atividades, ele é capaz de transformar sua prática pedagógica. Nesse caso, todos devem se beneficiar, visto que, do contrário, a formação só incidirá resultados para a melhoria curricular do professor e não se converterá em ganhos para a criança.

Quando se pensa em práticas pedagógicas a serem desenvolvidas na Educação Infantil, entende-se que é necessário que ocorram práticas que contribuam para a promoção de uma aprendizagem com vistas a resultados satisfatórios na vida das crianças. Porém,

conforme salienta Freitas (1999), o alcance dessas práticas ocorre, muito frequentemente, apenas por iniciativa dos professores, a partir de seus processos de formação inicial e continuada. Esses sujeitos dificilmente têm contado com uma coordenação pedagógica atuante e que possa lhes oferecer, a princípio, o conhecimento sobre os interesses e necessidades de cada criança, para, a partir daí, proporem uma prática educativa mais satisfatória. Esta, por conseguinte, precisa realizar-se com a vivência de métodos, didáticas e técnicas que ajudem as crianças a desenvolverem suas potencialidades cognitivas, afetivas e sociais.

Desse modo, exige-se uma postura dinâmica por parte do professor no sentido de se construir uma ação pedagógica que se apresente como promotora da aprendizagem. Autores como Kramer (1992, p. 45), por exemplo, afirmam que “a educação da criança de 0 a 6 anos tem o papel de valorizar os conhecimentos que as crianças possuem e garantir a aquisição de novos conhecimentos, mas, para tanto, precisa de um profissional que reconheça as características da infância”. Nesse sentido é que se aponta a relevância desta pesquisa, acerca da necessidade de um olhar sobre a formação dos professores, e aqui, mais especificamente, os da Educação Infantil na fase pré-escolar.

Nesse caso, a relevância de nosso estudo se encontra na necessidade de discutirmos sobre como o professor da EI tem construído seus saberes, seus valores e os tem canalizado para dentro da sala de atividades, manifestando às crianças uma visão mais humanitária e solidária em relação ao mundo que as cerca. Com isso, acredito e defendo que os educadores devam usufruir, ao longo de sua carreira, de processos formativos que validem e contribuam para a melhoria do seu fazer no espaço escolar. Isso se justifica ainda porque a EI deve ser significativa para a criança no sentido de que contribua para a sua interação com o mundo social e para um desenvolvimento pleno e efetivo, servindo de base para a criança na construção de saberes sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesma.

Por se tratar de um trabalho realizado com seres indefesos e que se encontram no início do desenvolvimento físico, intelectual e social, a atenção que deve ser dada a essa etapa é de extrema importância, tanto por parte do Governo como das Secretarias de Educação, ofertando formações adequadas para os profissionais dessa área. Esses profissionais precisam estar sempre cercados de novos conhecimentos; porém, tem se mostrado que é uma prática constante colocar na EI professores sem formação inicial na área e contando com uma infraestrutura inadequada para receber as crianças, já que estas

necessitam ser acolhidas em um local seguro, aconchegante e apropriado para essa fase do desenvolvimento.

Esse fato tem me chamado a atenção e provocado certo grau de preocupação, na medida em que isso pode trazer grandes prejuízos à educação ao longo do tempo. Além disso, ao pensar acerca do perfil dos profissionais que atuam nessa área, tenho me deparado com professores que pouco se identificam com o trabalho envolvendo crianças. Vale salientar ainda que, de um modo geral, os professores de Quixadá parecem satisfeitos com o que fazem, mesmo que seja possível ouvir, esporadicamente, comentários desfavoráveis. Portanto, é desse contexto que nasceu minha motivação para realizar esta pesquisa.

Para aprofundar essa discussão e conhecer com maiores detalhes os profissionais que atuam na EI de Quixadá, em especial, na fase da pré-escola, visto que o atendimento no município é maior nesta fase, elaborei a seguinte questão de pesquisa: como se configura o perfil do professor da pré-escola em exercício na rede pública municipal de Quixadá-CE? Para desmembrar essa questão geral em questões e temáticas mais específicas, elaborei a seguinte sequência de perguntas: a) Como se deu o ingresso desse profissional da pré-escola?; b) Como esse profissional tem se relacionado com a carreira docente?; c) Como ele se percebe no exercício da sua profissão que exerce?

Nessa perspectiva, as questões acima me ajudaram a elaborar o seguinte objetivo geral: analisar o perfil docente do professor efetivo que atua na pré-escola do município de Quixadá, tomando por base o seu ingresso na função, sua relação com a carreira e sua auto-avaliação como profissional. Como objetivos específicos, tem-se: a) descrever o perfil dos professores da pré-escola de Quixadá, a partir do seu ingresso nessa função; b) compreender os móveis desses professores acerca da profissão e da função que exercem; c) analisar as imagens de si construídas pelos professores da Pré-escola, a partir de sua auto avaliação enquanto profissionais da pré-escola.

Assim, a estrutura retórica desta monografia se compõe, além desta introdução, de um segundo capítulo no qual apresento e discuto a temática que se refere à pré-escola e à formação do professor, bem como sua relação com o cuidar, com o educar e com sua profissão, trazendo a questão da identidade. No terceiro capítulo, relato os caminhos propostos para atingir os objetivos da pesquisa, seguidos pelo tratamento e a análise dos dados, obtidos através de entrevistas realizadas com os educadores da pré-escola. No capítulo seguinte, apresento os resultados e a interpretação feita a partir da análise dos

dados. Finalmente, no último capítulo, aponto as considerações finais, no intuito de elucidar as aprendizagens adquiridas mediante os estudos e reflexões apreendidos durante a elaboração desta pesquisa.

Neste capítulo abordo a trajetória da Educação Infantil no Brasil até os dias atuais. Nesse percurso, discorro sobre a necessidade de formação do professor para atuar nessa primeira etapa da educação básica, bem como discuto a necessidade de o professor estabelecer uma satisfatória relação com o saber cuidar e educar.

2.1 A pré-escola e a formação de professores

A Educação Infantil no Brasil nasceu com a intenção de ajudar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas. Para isso, segundo o que nos conta Rizzo (2003), foram criados espaços do tipo creches, asilos e orfanatos. Infelizmente, esses espaços tinham um cunho basicamente assistencialista, o que nos leva a constatar que as causas de sua criação não levavam em conta a criança em si, mas serviam de instituição de apoio às mulheres que estavam saindo de casa em busca da sua sobrevivência.

Destaca-se, ainda, outra razão pela qual se deu a origem e o surgimento dessas instituições em nosso país, que foi o acolhimento aos órfãos abandonados. Muitas dessas crianças eram, geralmente, filhos de mulheres que faziam parte da alta sociedade e as creches eram tidas como lugares que serviriam para esconder a vergonha da mãe solteira. Segundo Rizzo (2003, p. 37), “eram sempre filhos de mulheres da corte, pois somente essas tinham do que se envergonhar e motivo para se descartar do filho indesejado”.

Com o surgimento das creches, parecia ser postulada a ideia de que se estava resolvendo também o problema do homem, pois dele eram retiradas as responsabilidades da paternidade. Nesse contexto, conforme também acentua Rizzo (2003), desde o princípio, é notório o descaso com a criança, pois poderíamos pensar que não se pensava no seu bem-estar, no seu desenvolvimento, no cuidar e no carinho dos pais, tão necessários na primeira infância. Tudo isso porque, nessa época, não se tinha um conceito bem definido sobre as especificidades da criança, e a mesma era “concebida como um objeto descartável, sem valor intrínseco de ser humano” (RIZZO, 2003, p. 37).

Complementando essa ideia, o historiador Philippe Áries (1981, p. 67) nos conta que “até o século XVII, a atenção que se dava à criança era a mesma empreendida a

um animalzinho de estimação, um ser que servia ao entretenimento dos adultos com seus gracejos e ‘tolices’”. Nesse contexto, portanto, não havia a compreensão da verdadeira condição de ser criança e de suas reais necessidades no sentido de favorecer seu desenvolvimento, pois a criança vivia entregue aos próprios prazeres e às decisões de conveniência dos adultos.

Nesse sentido, é possível dizer que a educação infantil é um nível de escolaridade recente no Brasil, visto que começou a ser pensada a partir dos anos de 1930, quando surgiu a necessidade de se formar uma mão-de-obra qualificada para a industrialização do país. Segundo Didonet (2001), isso gerou a necessidade de as mulheres irem às fábricas, ao mesmo tempo em que as crianças ficaram fadadas à mortalidade infantil, à desnutrição generalizada e ao número significativo de acidentes domésticos. Por esse motivo é que se pensou em um lugar específico no qual se pudesse “guardar as crianças”, ou seja, “um depósito” para esses pequenos sujeitos.

Na caminhada da educação durante os anos de 1960 e meados de 1970, o nível básico passou a ser obrigatório e gratuito, corroborando para uma crescente evasão escolar e uma grande incidência de repetência das crianças de classes pobres no primeiro grau, que corresponderia atualmente aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para suprir essa deficiência, segundo o que nos conta Oliveira (2002), pensou-se, então, em instituir a educação pré-escolar como forma de preparar as crianças a fim de que não fracassassem tanto no primeiro grau.

Percebe-se, mais uma vez, um desvirtuamento literal dos propósitos dessa ação que deveria ser voltada exclusivamente para a educação das crianças. Pela própria nomenclatura que recebeu, é possível afirmar que, para as crianças, isso significou uma educação do tipo compensatória, destinada ao público infantil de quatro ou seis anos. Conforme nos conta Oliveira (2002), ela servia para suprir as carências culturais existentes na educação familiar das classes baixas da sociedade brasileira na época.

Desta maneira, Oliveira (2002, p. 100) afirma que

entendidas como mal necessário, as creches eram planejadas como instituição de saúde, com rotinas de triagem, lactário, pessoal auxiliar de enfermagem, preocupação com a higiene do ambiente físico. Por trás disso, buscava-se regular todos os atos da vida, particularmente dos membros das camadas populares. Para tanto, multiplicaram-se os convênios com instituições filantrópicas a fim de promover o aleitamento materno e combater a mortalidade infantil.

Ao ler a citação acima, é possível perceber que a pré-escola apresentava mais atendimentos ligados à saúde do que efetivamente à educação. Além disso, marcava, nesse momento, a figura feminina como sendo o tipo ideal de profissional a ser recrutado para exercer essa função. Desse modo,

por ser considerado lugar de custódia e assistência, utilizou-se de modo claro um apelo à biologização da competência educativa feminina, defendendo-se a existência de um instinto maternal. Consequentemente, admitiu-se que seus deficitários quadros profissionais se compusessem quase que exclusivamente de mulheres voluntárias, sem necessitar de qualquer formação específica, a não ser em alguns casos um curso de puericultura, que as preparava para os cuidados físicos básicos com crianças pequenas. (BARBOSA, 1999, p. 2).

Pensamentos como esse certamente influem negativamente para o descrédito da educação infantil, pois é possível dizer que ainda hoje há muitas pessoas que acreditam que a creche não tem muita importância para o processo de aprendizado das crianças. Assim, muitos pais acabam negando essa experiência a seus filhos porque acreditam que as brincadeiras na creche ou na pré-escola, por exemplo, não têm poder de ensino e de aprendizado e se constituem apenas como atos sem nenhum compromisso com a educação. No entanto, essa realidade parece ir, aos poucos, se alterando, visto que cada vez mais são percebidas as particularidades inerentes ao público infantil.

Nessa perspectiva é que também começamos a vislumbrar a necessidade de um trabalho pedagógico que favoreça o desenvolvimento integral das crianças. Nesse contexto, surgem os dois maiores pilares ou funções da Educação infantil: cuidar e educar. Por isso,

uma caracterização da educação infantil há pouco adotada em nossa área é a que atribui a essas instituições o papel de educar e cuidar, [...] a caracterização da instituição de educação infantil como lugar de cuidado e educação, adquire sentido quando segue a perspectiva de tomar a criança como ponto de partida para a formulação das propostas pedagógicas. [...] a expressão tem o objetivo de trazer à tona do núcleo do trabalho pedagógico consequente com a criança pequena. Educá-la é algo integrado ao cuidá-la. (KUHLMANN, 1999, p.60).

Como se pode perceber, a educação infantil tem especificidades próprias e, por essa razão, os cuidados ministrados nas creches e pré-escolas não devem se reduzir apenas ao atendimento de necessidades físicas das crianças, deixando-as confortáveis em relação ao sono, à fome, à sede e à higiene. Com certeza, esse atendimento deve incluir a criação de um ambiente que garanta tanto a segurança física como a construção de sentido pessoal, que se preocupe com a forma pela qual elas estão se percebendo como sujeitos.

Com o advento da Lei 9.394/96, ou Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB), sobretudo em seu artigo 29, é possível conceituar “a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica [e que] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Portanto, ela se configura como um direito da criança e um dever do Estado, sendo este o responsável por prover vagas onde haja famílias interessadas em partilhar com o Estado a educação de seus filhos.

Porém, a transformação das leis e das abordagens dos documentos oficiais que dão suporte à Educação Infantil em algo real e plausível exige compromisso, responsabilidades e, acima de tudo, condições que favoreçam a aplicação destes a favor dos usuários. Diante disso, não podemos esquecer a peça fundamental que é o professor de EI, que precisa ter formação adequada para estar nessa área de ensino. Ainda com relação à formação do professor, Machado (2005) afirma que muito tem se discutido sobre essa temática e, nesse olhar, a sinalização de alguns debates é para a realização de cursos voltados exclusivamente para a área da Educação Infantil.

Assim, um destaque merecido deve ser dado para o Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil (Proinfantil), pois, no período em que foi desenvolvido, buscou atender aos docentes da rede pública e privada sem fins lucrativos, oferecendo-lhes um curso de formação, especialmente para aqueles professores que ainda não possuem a formação exigida pela legislação. Nesse programa, os formadores abordam questões acerca dos aspectos sociais, individuais, cognitivos, afetivos e culturais que envolvem a criança, possibilitando aos professores o reconhecimento de que se deve conferir valor e sentido educativos aos espaços institucionais dirigidos às crianças de 0 a 6 anos.

Salienta-se, no entanto, segundo o que afirma Marques (2000, p. 215), que “não é com receitas acabadas que se enfrentam as questões do dia-a-dia da educação. Mas, com propostas alicerçadas na concretude das práticas docentes”. Por isso, o autor deixa a prerrogativa de que a formação do professor deve ser permanente, tendo em vista que, para desenvolver o conhecimento profissional, obter as habilidades para lidar com o público infantil e garantir a qualidade no ensino, é um necessário um esforço contínuo e bastante acentuado.

Portanto, muitos defendem que a Educação Infantil requer o olhar atento do professor, com o que concordamos na íntegra, uma vez que estamos tratando da fase da

vida do ser humano que exige mais cuidado e atenção. Embora isso seja indiscutível, é importante lembrar que o professor que lida com essa demanda deve buscar conhecimentos teóricos e práticos para melhor compreensão da realidade educacional e das necessidades específicas de cada faixa etária, respeitando, assim, o processo de desenvolvimento da criança. Dessa forma, entende-se que esse profissional deve ter uma formação específica e comprometimento com o seu fazer. Logo,

a ideia de formação específica para professores foi um passo necessário para assegurar o direito de todas as crianças à educação com qualidade, trazendo recomendações às políticas de Educação Infantil e de formação de profissionais. Assim, as formações docentes para atender crianças na Educação Infantil foram ao longo do tempo amplamente discutidas em diversos segmentos por teóricos e pesquisadores. (KRAMER, 2005, p. 48).

Entende-se, portanto, que esse é um dos grandes saltos na Educação Infantil, pois, ao fazermos um paralelo com tempos não muito distantes de nós, onde qualquer um poderia ser professor de EI, esse cenário denota que houve, de fato, um olhar mais coerente para a educação de base.

De modo metafórico, pode-se dizer que, em uma construção, os cuidados maiores se dão no alicerce, posto que, quando este está bem edificado, traz sustentabilidade às demais fases dessa construção. Assim é a Educação Infantil, que deve ser bem planejada e, sobretudo, dotada de profissionais que compreendam seu verdadeiro saber-fazer. Nesse sentido, destaca-se a importância da formação continuada e específica para os professores da Educação Infantil, pois, por meio dela, teremos talvez um dos canais que possibilitam a qualidade nesta etapa da vida estudantil.

A prerrogativa da defesa da formação para o professor deve estar atrelada às mudanças de práticas que podem acontecer após as vivências dessa formação na prática de ensino. Ao passar pelo processo formativo, acredita-se que os professores terão um novo discurso e/ou uma otimização de sua prática, ou seja, a formação deve refletir diretamente no chão da sala de atividades, onde tudo acontece. Dessa forma, com todo o respeito que lhes é devido, não é mais possível admitir que aqueles a quem confiaremos a formação integral de nossas crianças sejam pessoas sem nenhuma identificação com essa função, conforme passaremos a discutir na sequência.

2.2 O professor de pré-escola e sua profissão: a questão da identidade profissional e da relação com o saber

A responsabilidade de cuidar e educar crianças ganha cada vez maior atenção, ao longo dos anos, tanto pelo sistema educacional, como pela família e pela sociedade num todo. Quando se defende uma Educação Infantil de qualidade, entende-se que inúmeros fatores estão envolvidos. No entanto, nos deteremos a focar em um dos componentes que, sem dúvida, contribui diretamente para o alcance dessa qualidade: o professor. Uma escola pode ser bem equipada, ter materiais em abundância, com recursos didáticos e equipamentos de mídia suficientes; entretanto, se não tiver quem use esses instrumentos, serão invalidados e para nada servem. Nesse sentido, trataremos, neste item, de uma discussão sobre o perfil dos atores que fazem a educação infantil.

Quem deve ser esse profissional? Que características específicas ele deve ter para fazer parte do cenário dessa etapa da educação? Essas questões nos orientam a levantar discussões positivas sobre esse profissional, no sentido de compreender que ele deve ser alguém que se identifique com a causa e possa contribuir para a construção do saber das crianças. Por isso, como afirma Micarello (2011, p. 213),

há muito tempo se discute a identidade do professor para atuar na Educação Infantil, em meio a tantas discussões, são poucos os documentos que trazem informação a respeito de quem ou como deve ser esse profissional para trabalhar com crianças. “Documentos oficiais que apresentam as diretrizes para a formação de professores, por sua vez, também não contribuem muito para explicitar qual seria o perfil desejado para esse profissional”.

Nessa mesma direção, Oliveira & Pereira (2008) afirmam que nem o próprio professor reconhece a importância de seu papel na vida da criança. Muitos agem de forma aleatória, descompromissada e, às vezes, até prejudicando seu trabalho e a educação dos pequenos. Assim sendo, algo muito preocupante

é que o professor nem sempre se dá conta do quão importante é o seu papel, a sua atuação, para a vida dos alunos e, não tendo essa clareza, desempenha sua função sem refletir sobre sua prática pedagógica. Um dos motivos dessa postura é a defasagem na formação desses profissionais já que não receberam orientações adequadas para atuar com a infância, o que significa dizer que, salvo algumas exceções, não possuem esclarecimentos necessários que os habilite para trabalhar com a educação infantil. (OLIVEIRA; PEREIRA, 2008, p. 155).

Mais uma vez, portanto, apresenta-se a necessidade da formação, pois com esta se dá as trocas de informações, o conhecimento de como fazer, e, sobretudo, a

compreensão da função primordial da EI, que é cuidar e educar. Se todos os professores da educação infantil compreendessem a essência do que são essas funções para as crianças, de pronto compreenderiam o seu papel e suas devidas características para atender a esse fim. Em outros termos, reconheceriam a sua profissionalidade nessa etapa da educação básica.

Com base nessa discussão, podemos pensar que a

definição de uma profissionalidade para os educadores infantis deverá considerar o fundamental da natureza da criança que é a ludicidade, entendida na sua perspectiva de liberdade, prazer e do brincar enquanto condição básica para promover o desenvolvimento infantil, promovendo uma articulação possível entre o cuidar e o educar. [Assim], a profissionalidade dos educadores infantis deverá estar fundamentada na efetivação de um cuidar que promova educação, e de uma educação que não deixe de cuidar da criança, de atendê-la em suas necessidades e exigências essenciais desde a sua mais tenra idade em atividades, espaços e tempos de ludicidade (ANGOTTI, 2010, p. 19).

Considerando tais aspectos, o perfil do profissional de Educação Infantil se constitui a partir do seu campo de atuação, o que significa, na percepção de Redin (2008), considerar, tal como argumenta Angotti, a realidade da criança como um ser em desenvolvimento, como sujeito histórico com direitos e necessidades. Então, para Redin, o profissional dessa modalidade educativa será multidimensional em um segmento que é essencialmente multidisciplinar.

Em outros termos, isso implica em uma multifuncionalidade que tanto caracteriza a educação nos primeiros anos de vida como marca o perfil do docente para trabalhar com esse público. De todo modo, é importante enfatizar que o professor de Educação Infantil deve construir e assumir sua identidade docente desvincilhando-se da imagem de mãe e mulher que historicamente está associada a esse profissional (ROCHA, 1999). Nessa perspectiva, entende-se que o profissional deve ter consciência do papel que está assumindo, bem como entender que crianças têm direitos e características que lhes são peculiares, como afirma Oliveira-Formosinho (2001), e que estas devem ser respeitadas e trabalhadas no contexto da Educação Infantil.

Por essa razão, é importante que o profissional da Educação Infantil se aproprie e domine conhecimentos específicos sobre a natureza das crianças. Para isso, ele precisa entendê-la sempre como um ser em desenvolvimento, o que representa um grande desafio para a formação dos professores de EI. Os cursos de formação inicial e continuada devem prover o educador infantil de oportunidades para refletir sobre o seu papel no processo de articulação entre o conhecimento de mundo que a criança traz para a escola e o saber

científico, ou seja, entre suas vivências e experiências, que representam conhecimentos culturalmente construídos, e o saber sistematizado na instituição educacional.

Por esse motivo, de acordo com Kramer (2006), a formação de profissionais da Educação Infantil é um desafio que exige uma ação conjunta entre as instâncias municipais, estaduais e federais. Além dos conteúdos necessários ao desenvolvimento da criança em suas múltiplas dimensões e linguagens, é preciso que o professor saiba de forma consciente que papel ele exerce no espaço da instituição de EI. Mas, para isso, é preciso que o profissional construa uma identificação com essas atividades e desenvolva uma satisfatória relação com o saber cuidar e educar, como defende Dieb (2007).

Em sua pesquisa de doutorado, Dieb (2007) buscou compreender como se caracteriza a **relação com o saber** do professor da Educação Infantil na escola pública. Para isso, o autor tomou por base as experiências profissionais e os processos que perpassam o desenvolvimento de sua função docente. A relação com o saber é um conceito elaborado por Bernard Charlot (2000) e diz respeito ao conjunto de todas as relações construídas pelo sujeito ao longo de sua vida, quando o que está em cena é alguma forma ou necessidade de aprendizagem. Assim, segundo o autor, para que o sujeito se engaje em algum processo de aprendizagem, é necessário que ele se mobilize, ou seja, que encontre móveis que o impulsionem a esse engajamento. Os móveis seriam os motivos ou razões pelas quais o sujeito se engajaria em uma atividade, mas para que isso ocorra, é necessário ainda que o sujeito perceba ou atribua algum sentido (valor ou importância) a essa atividade na qual se engajará.

Ao fazer uso do conceito teórico de Charlot (2000) sobre a relação com o saber, o qual implica no conjunto de todas as relações construídas pelo sujeito com o mundo, com os outros e consigo mesmo, o autor entrevistou nove professoras da EI, na rede pública da cidade de Assú-RN. Como resultados de sua pesquisa, Dieb descobriu que essas mulheres amam o que fazem, ainda que seja possível encontrar exceções. Em sua análise sobre os posicionamentos das professoras diante do que fazem na sala de atividades, o autor percebeu que sua relação com o saber cuidar e educar passa pelas vicissitudes que permeiam a aproximação com a criança, as tentativas de acerto quanto ao fazer educação infantil e, pela negligência da coordenação pedagógica da escola, por uma função desempenhada, muitas vezes, na base da improvisação.

Desse modo, na presente pesquisa, assim como Dieb, buscaremos também perceber de que maneira as professoras da EI de Quixadá, em especial as que atuam

profissionalmente na pré-escola, analisam a sua relação com o saber cuidar e educar e como elas se apresentam em relação a essa atividade.

Neste capítulo, versaremos sobre a metodologia utilizada para desenvolver o presente trabalho: são apresentados o tipo de pesquisa realizada, o contexto e o lócus da pesquisa para, em seguida, discorrermos sobre os sujeitos da pesquisa e o processo de construção dos dados. Por fim, mencionaremos como foi o processo de tratamento e análise desses dados.

3.1 O tipo de pesquisa realizada

Esta monografia apresenta os resultados de um estudo de campo realizado no município de Quixadá, que teve como objeto de estudo o mapeamento de características pessoais e profissionais que compõem o perfil dos professores de Educação Infantil, especialmente no âmbito da pré-escola, no município de Quixadá. Este estudo, portanto, está caracterizado como sendo de natureza qualitativa, visto que as pesquisas que recebem essa denominação

são aquelas que buscam explicar e criar teoria aceitável a respeito de um fenômeno e ocupa-se com o “por quê” dos fatos, identificando os fatores que contribuem para sua ocorrência. Além de envolver o pesquisador em um nível mais elevado de investigação e de comprometimento com os resultados da pesquisa, visa ainda aprofundar o conhecimento do fato/realidade para além das aparências. (SANTOS, 2006, p. 45).

Partindo desse contexto, descreveremos aqui os caminhos percorridos neste processo de investigação, visando atingir nosso objetivo. Foi preciso termos cautela e desenvolvermos um olhar crítico em relação à realidade estudada onde estão inseridos os participantes da pesquisa. Isso se justifica porque tivemos de observar as particularidades, as diferenças e expressões de cada um, a fim de tentar traçar um perfil acerca desses sujeitos.

Esta pesquisa é, portanto, qualitativa e utilizou como instrumento de coleta de dados a técnica de uma entrevista semiestruturada. Participaram deste estudo professoras da Educação Infantil da Creche Sonho Infantil e professores do Centro de Educação Infantil Criança Feliz, cujos nomes aqui são fictícios para proteger a identidade das instituições e de seus professores.

De um modo geral, os sujeitos que participaram da pesquisa apresentam os seguintes aspectos: todas são do sexo feminino, tem formações em nível superior, três casadas, duas solteiras, uma viúva e atuam há mais de cinco anos no magistério. Das entrevistadas, cinco já tiveram experiências em outro nível de ensino e somente uma sempre atuou na Educação Infantil, conforme detalharemos mais adiante.

3.2 O contexto e o lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Quixadá, que traz, em seu histórico¹, uma luta contínua para se constituir em uma cidade próspera, hospitaleira, de uma beleza indescritível, rodeada de monólitos e que tem o seu grande diferencial entre as muitas cidades de nosso país. A luta à qual nos referimos se efetuou através da penetração dos portugueses através do rio Jaguaribe, seguindo seu afluente, o rio Banabuiú, e depois o rio Sitiá rumo ao interior do estado do Ceará no século XVIII. O objetivo era a conquista de novas terras para a criação extensiva do gado, pois este se tornava uma atividade cada vez mais rentável e necessária.

Segundo informações disponíveis no site da prefeitura de Quixadá, os índios Canindé e Jenipapo, pertencentes ao grupo dos Tararú, habitantes da região, resistiram à invasão portuguesa no início do século XVII; porém, a hostilidade indígena só foi vencida pelos portugueses em 1705, quando Manoel Gomes de Oliveira e André Moreira Barros ocuparam as terras quixadaenses. Em 1641, Manoel da Silva Lima, alegando ter descoberto dois olhos d'água, obteve uma sesmaria naquelas terras que, inicialmente, pertenciam a Carlos Azevedo. Essas terras formavam o "Sítio Quixadá", adquirido por meio de compra conforme a escritura lavrada em 18 de dezembro de 1728. Essa escritura implica no primeiro documento público onde aparece o nome Quixadá escrito na sua atual forma gráfica.

O referido sítio foi vendido a José de Barros Ferreira em 1747 e, oito anos depois, esse senhor construiu casas de morada, uma capela e um curral, o que pode ser considerado como sendo as bases da atual cidade de Quixadá. Por esse motivo, todos alegam que José de Barros é considerado o legítimo fundador da cidade, uma vez que sua fazenda Quixadá prosperou e se transformou, posteriormente, em um distrito do município de Quixeramobim, do qual foi desmembrado em 27 de outubro de 1870. Por força da lei

¹ As informações históricas aqui apresentadas foram retiradas do site da prefeitura municipal de Quixadá: <<http://www.quixada.ce.gov.br/conheca/texto.asp?id=1897¤t=A%20CIDADE>>.

provincial n.º 1347, Quixadá se tornou então em um município independente. Desse período até hoje, Quixadá teve cinquenta e três governos municipais, sendo o fazendeiro Laurentino Belmonte de Queiroz o primeiro prefeito, no período de 1871 a 1873.

Em termos geográficos, Quixadá é um município do estado do Ceará, que pertence à mesorregião dos Sertões Cearenses e à microrregião do Sertão de Quixeramobim. A cidade ocupa o décimo lugar no estado do Ceará, em termos de população, e é a maior do sertão central, com uma população de aproximadamente 84.684 habitantes. Possui uma área geográfica de 2.019,833 km² e densidade demográfica de 39,91 hab./km². Atualmente, o município possui o 17º maior PIB do estado, configurando-se também como aquele que possui a maior renda per capita e o melhor IDH da mesorregião dos Sertões Cearenses.

Nas décadas de 1960 e 1970, o município esteve presente na lista das 100 cidades mais populosas do Brasil e, por esse motivo, a educação da cidade precisa ser bem administrada. Com esse grande contingente populacional, as pessoas precisam estar preparadas para as qualificações que o desenvolvimento da região e do país impõem. Nesse sentido é que tivemos a preocupação de pesquisar o início de tudo, ou seja, os primeiros passos escolares de nossas crianças, que é a Educação Infantil.

A cidade é bastante forte em termos educacionais porque abriga uma fervilhante vida universitária em relação às demais cidades do Sertão Central. No ano de 2014, já contava com seis instituições de ensino superior, tanto públicas como privadas, destacando-se, entre as públicas, os campi da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Entre as instituições particulares, destaca-se a Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS), que é mantida pela Igreja Católica por meio da Diocese de Quixadá.

Já no que concerne à educação básica, atualmente o município de Quixadá trabalha com a seguinte organização: nas turmas de Educação Infantil ingressam crianças a partir de 4 ou 5 anos completos, ou que irão completar essa idade até 30 de março do ano subsequente, tendo no mínimo 20 alunos e no máximo 25 alunos; as turmas do Ensino Fundamental I são distribuídas da seguinte forma: dos 6 anos aos 10 anos, que compreendem do 1º ano até o 5º ano, ingressam a partir de 6 anos completos ou que irão completar essa idade até 31 de março do ano subsequente, tendo no mínimo 30 alunos e no máximo 35 alunos; o Fundamental II recebe os alunos de 11 a 14 anos, e abrange do 6º ano ao 9º ano, tendo no mínimo 35 alunos e no máximo 40 alunos.

A pesquisa foi realizada com seis professoras da rede pública de Educação Infantil, no município de Quixadá, sendo quatro professoras na Creche Sonho Infantil e duas no CEI Criança Feliz, como foi dito anteriormente.

A Creche Sonho Infantil fica localizada no centro de Quixadá. Essa instituição foi construída como uma escola-modelo e possui uma estrutura muito boa, equipada com bons espaços de convivência para as crianças de 4 e 5 anos, como, por exemplo, amplos parques. Possui nove salas de aula que funcionam nos turnos de manhã e da tarde, bem como uma sala de leitura, uma brinquedoteca, uma sala de professores e uma sala para a coordenação da instituição. Os ambientes da creche são arejados, iluminados e ornamentados de acordo com sua funcionalidade, assim como de acordo com as temáticas dos projetos desenvolvidos e das datas comemorativas que são festejadas na creche.

O Centro de Educação Infantil Criança Feliz está situado um pouco distante do centro da cidade. Trata-se de uma instituição que trabalha somente com crianças da pré-escola de 4 e 5 anos e possui, em sua estrutura, duas salas de aula e um refeitório, que funciona como sala de atividades pela manhã. Além desse espaço, o CEI conta com uma cantina, uma sala para coordenação e uma vasta área externa, porém sem materiais como parques para as crianças brincarem. O CEI funciona pela manhã e à tarde e conta com uma coordenadora para duas escolas, em bairros próximos, que se divide entre as duas instituições.

Passaremos agora a descrever os sujeitos que participaram da pesquisa, selecionados por atuarem preferencialmente na pré-escola de Quixadá.

3.3 A caracterização dos sujeitos da pesquisa

As seis professoras entrevistadas apresentam o seguinte perfil: todas são do sexo feminino e possuem nível superior; três delas são casadas, uma é viúva e duas são solteiras, atuando todas há mais de cinco anos no magistério. Dentre as entrevistadas, cinco já tiveram experiências em outro nível de ensino e somente uma sempre atuou na Educação Infantil. Como forma de resguardar a identidade das educadoras que se dispuseram a colaborar com a pesquisa, usaremos nomes de flores para identificá-las na análise dos dados.

A professora Margarida tem 50 anos, é casada e exerce a profissão de professora há mais de 28 anos. Sua formação inicial é Licenciatura em Português. Atua como professora da Educação Infantil há mais de 26 anos e relata que nunca exerceu outra

profissão antes de ser professora. Começou sua carreira devido à necessidade do bairro, pois era um pouco distante da cidade e não havia professores para lecionarem na área; por isso, foi convidada. Desde esse período, ela atua na Educação Infantil.

A professora Orquídea tem 48 anos, é viúva e sua formação inicial é em História, mas vale ressaltar que está cursando Licenciatura em Pedagogia para garantir sua permanência na Educação Infantil. Exerce a profissão de professora há 30 anos e está na pré-escola há mais de 15 anos. Antes de ser professora, a entrevistada trabalhava de forma autônoma. Começou a lecionar através de substituições de professores e aprendeu a gostar; depois disso, fez a seleção pública e, sendo aprovada, está na função até hoje.

A professora Girassol tem 48 anos, é solteira e nos informou que, antes de lecionar, trabalhava como comerciante. É graduada em Pedagogia e exerce a profissão de professora há 26 anos, estando na Educação Infantil há 4 anos. Antes de entrar na pré-escola, a entrevistada ensinava turmas do Ensino Fundamental, sendo depois remanejada para outra secretaria do município. Com a nova gestão municipal, teve que voltar, pois, como possui formação em Pedagogia, escolheu a Educação Infantil, já que, segundo ela, gosta de crianças.

A professora Jasmim tem 31 anos, é solteira, graduada em Pedagogia pela UFC e tem especialização em Psicopedagogia. É professora há 5 anos e somente ensinou na Educação Infantil durante toda a sua vida profissional como docente. Antes de ser professora, era estagiária na Secretaria de Educação (SEDUC). Estudou Pedagogia e, três meses depois da conclusão do curso, fez o concurso público, foi aprovada e passou a atuar na Educação Infantil do município.

A professora Iris tem 47 anos, é casada e graduada em Pedagogia. Recentemente se especializou em Psicopedagogia, mas, antes disso, tinha apenas o 3º pedagógico (normal médio). Exerce a profissão de professora há 25 anos e está na Educação Infantil há 15 anos. Antes de ser professora, exercia a profissão de auxiliar de serviços gerais. Iniciou a profissão de professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma turma multi-seriada, porém sempre teve o sonho de ser professora da Educação Infantil. A entrevistada confessa que se sentiu muito feliz quando recebeu o convite para lecionar a EI, área em que se encontra até hoje.

A professora Angélica tem 49 anos, é casada e possui formação em Pedagogia, estando atualmente está cursando Especialização em Gestão Escolar. Ela sempre trabalhou como professora e exerce a profissão há 29 anos, lecionando na EI há 8 anos. Antes disso,

era professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, período em que lecionava a turma do 2º ano. No entanto, quando recebeu o convite para assumir uma turma da Educação Infantil, não apresentou objeções e, vale ressaltar, diz que está gostando muito e que “de lá não quer mais sair”.

Todas as professoras entrevistadas são profissionais que reconhecem que o conhecimento se faz necessário para a realização de um trabalho de qualidade nesse segmento. Em seus relatos, elas nos revelam que apresentam formação inicial na área e que entendem a especificidade da Educação Infantil. Segundo essas mulheres, quanto menor for a criança, maior deve ser o nível de conhecimentos e de formação que o profissional deve apresentar, por isso todas elas estão constantemente em busca de ampliar seus conhecimentos.

3.4 A construção dos dados

Este trabalho de pesquisa foi organizado e executado nos meses de dezembro de 2014 a fevereiro de 2015, por meio de entrevistas feitas às professoras acima descritas com uma minuciosa investigação realizada na Creche Sonho Infantil e no CEI Criança Feliz. Esta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, utilizou como instrumento de coleta de dados a técnica de entrevista semiestruturada, feita por meio de um aparelho de celular com gravador de voz. Participaram deste estudo 06 (seis) professoras da Educação Infantil, sendo 04 (quatro) professoras da Creche Sonho Infantil e 02 (duas) do CEI Criança Feliz. Iniciaremos, pois, falando da Creche Sonho Infantil, onde fomos bem recebidas, pois já conhecíamos muitos professores e a coordenadora dessa instituição, o que facilitou a nossa entrada na escola.

Fizemos um levantamento de quantas professoras lecionavam na pré-escola e, em seguida, a coordenadora nos levou até eles para expor o que pretendíamos em termos de pesquisa. Em um primeiro momento, conversamos com cada professora sobre o tema da monografia e o porquê do interesse por esse assunto. Nesse mesmo dia, começamos as sessões de entrevista, o que nos tomou exatos dois dias — de 27 a 29 de janeiro de 2015. Para isso, utilizamos o programa gravador de voz do aparelho de telefone celular. Dessa forma, todos os detalhes das falas dos professores foram capturados.

Durante a realização da pesquisa, percebemos o quanto as professoras ficavam nervosas no início; contudo, com o decorrer da entrevista, elas se sentiam entusiasmadas com as perguntas. Uma das entrevistadas, inclusive, falou que tinha gostado muito das

perguntas devido ao fato de estarem relacionadas à sua prática. As entrevistas foram realizadas na própria sala de aula, pois, quando chegamos à escola, não era dia de planejamento e, mesmo assim, elas não recusaram responder às perguntas. Assim, foi possível observar como era a relação que as professoras mantinham com as crianças, e vimos que era de muita afetividade e cuidado o modo como se dava essa relação.

No primeiro momento, percebemos o cuidado que elas tinham com a escolha das palavras, já que as falas estavam sendo gravadas. No decorrer do processo, a conversa se deu com mais naturalidade. Ao concluir a entrevista, agradecemos às professoras pela disponibilidade em nos receber e à coordenadora por nos acolher com alegria, não impondo nenhum obstáculo.

Na outra instituição, o CEI Criança Feliz, encontramos também disponibilidade tanto por parte da coordenadora como pelas professoras, demonstrando querer ajudar e assim contribuir para o presente trabalho monográfico. A realização das entrevistas aconteceu no dia 29 de janeiro, no turno da manhã, quando as professoras estavam no planejamento. Observou-se que elas tinham certo receio em responder à entrevista, pois achavam que não saberiam encontrar as palavras adequadas. Porém, no decorrer da entrevista, as professoras se desinibiram e demonstraram amor à profissão. Uma delas até chorou ao terminar a entrevista e disse que tinha adorado aquele momento. Ao terminar as entrevistas, agradecemos às professoras e à coordenadora por terem contribuído para o desenvolvimento deste trabalho.

As perguntas que fizemos foram as seguintes: Como você se tornou professora da Educação Infantil? Você tem prazer em cuidar e educar as crianças? Por que continua nesse trabalho? Como você tem adquirido formação para melhor desempenhar sua prática de ensino com as crianças? Você tem dificuldades em trabalhar com as crianças? Quais são elas? O que é preciso aprender para ser uma boa professora de Educação Infantil? Como você tem aprendido a ser essa professora? Além de ensinar na Educação Infantil você gostaria de atuar em outra área ou profissão? Por quê? É satisfatório para você atuar nesta área? Você acha que está atuando na área que correspondente a sua formação? Por quê? Você se identifica com esse trabalho com as crianças? Por quê?

Para algumas das entrevistadas, a formação na Educação Infantil é imprescindível, e elas reconhecem que o conhecimento se faz necessário para a realização de um trabalho de qualidade nesse segmento.

3.5 Tratamento e análise dos dados

Como mencionamos anteriormente, a entrevista foi realizada com seis professores da pré-escola, sendo quatro da Creche Sonho Infantil e duas do CEI Criança Feliz. A coleta dos dados foi feita com um gravador de voz (no aparelho celular), por meio do qual pudemos posteriormente transcrever as falas das professoras para melhor organizar e analisar as suas ideias.

Para garantir o anonimato das entrevistadas, atribuímos o nome de uma flor para cada participante, seguindo a ordem em que as entrevistas foram concedidas. Em duas semanas, fizemos a transcrição das entrevistas e, em seguida, a estruturação dos dados, de acordo com os objetivos específicos, a fim de mostrar detalhadamente as informações obtidas por meio das entrevistas realizadas com as professoras da Creche Sonho Infantil e do Centro de Educação Infantil Criança Feliz. Após essa breve descrição dos procedimentos metodológicos, abordaremos, a seguir, no Capítulo IV, a análise dos dados. A sequência da análise segue a mesma ordem dos objetivos específicos. Para isso, criamos tópicos e sub-tópicos para compor nossos objetivos específicos, os quais delinearemos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO IV

Apresentação e Análise dos Dados

No presente capítulo, discorreremos sobre a análise dos dados construídos na pesquisa seguindo nossos objetivos. Em um primeiro momento, delinearemos sobre o ingresso da profissão e, posteriormente, trataremos sobre os móveis acerca da profissão. Por fim, versaremos a respeito das imagens que os professores fazem de si.

4.1 O ingresso da profissão

Para algumas entrevistadas, a formação na Educação Infantil é imprescindível. Elas reconhecem que o saber docente se faz necessário para a realização de um trabalho de qualidade nesse segmento. Os relatos revelam ainda que algumas professoras apresentam formação inicial na área, além de participarem de iniciativas de formação continuada. Por entenderem a especificidade da Educação Infantil, elas acreditam que, quanto menor a criança, maior deve ser o nível de conhecimento e de formação do profissional.

Analisando a história pessoal e profissional desses sujeitos, ou seja, como se deu o ingresso dessas professoras na profissão, percebemos que, tanto na Creche Sonho Infantil como no CEI Criança Feliz, boa parte das entrevistadas evidencia que seu processo de se tornarem professoras se deu como algo nato, como a realização de um sonho de criança. Outras tiveram experiências em outros níveis de ensino, mas, ao ingressarem na Educação Infantil, adequaram-se a essa etapa da educação básica e expressam que gostam do trabalho que fazem. Há ainda aquelas que foram para a educação por uma necessidade de profissionais na área, conforme trataremos a seguir.

4.1.1 – Devido à carência de professores

Para algumas entrevistadas, o ingresso na EI se deu devido à carência de professores em sua localidade, pois, na época, não havia profissionais que quisessem se deslocar para a zona rural. Vejamos o que diz a seguinte professora:

Eu me tornei professora diante da necessidade do bairro em que eu lecionava. Quando começou a formação, não tinha como eu me deslocar para o centro, e nem tinha professores da Educação Infantil pra ir pra lá, porque é um pouco

distante do centro. Como eu já lecionava o 1º ano, eu só tinha 100 h/a lá no Boto. Assim, eu ingressei na Educação Infantil, e de lá pra cá estou na Educação Infantil. E, com o tempo, foi formada uma turma multisseriada com 1º e 2º ano, vindo as crianças a diminuir, mas em 2000 foi tirada o 1º e 2º e ficou somente Educação Infantil pela manhã e tarde (Professora Margarida).

Como podemos perceber na fala dessa professora, as grandes distâncias que caracterizam o nosso país são responsáveis, mesmo em uma realidade histórica bem recente, por situações como essa, em que o ingresso na Educação Infantil não ocorreu por desejo ou por identificação, mas por falta de professor. Apesar das dificuldades, é louvável que pessoas como a professora Margarida assumam as necessidades específicas de cada faixa etária, respeitando, assim, o processo de desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, é importante que o professor, que lida com essa demanda, tenha conhecimentos teóricos e práticos para melhor compreensão da realidade. Caso não os tenha, é preciso que os busque, segundo o que podemos inferir da fala da professora acima.

Além disso, vimos em seu relato que o ingresso na EI também foi motivado pela necessidade de complementação da carga horária. É muito comum fatos como esse em uma realidade como a de nosso estado, onde a maior preocupação é com os anos em que são aplicadas as provas diagnósticas, esquecendo, assim, de dar o verdadeiro valor à Educação Infantil.

Vale ressaltar que, em especial, é preciso respeitar os profissionais dessa etapa da educação porque eles precisam sentir-se responsáveis e valorizados na construção de conhecimentos das crianças para os anos seguintes. Nesse sentido, outro aspecto interessante que a fala dessa professora nos mostra é o fato de que a EI está quase sempre disputando espaço com o Ensino Fundamental. Ao relatar sobre a instauração de uma turma multisseriada, constatamos que a carência de professores no interior do estado do Ceará ainda é grande e, por isso, a Educação Infantil tende a ser conjugada com turmas de crianças maiores e mais avançadas nos anos escolares. Desse modo, podemos inferir que o professor que ingressa na EI, nessas condições, tende a desenvolver um trabalho paralelo com as turmas de crianças maiores.

Por essa razão, é de suma importância que haja uma formação continuada e específica para os professores da Educação Infantil, para que possam aprimorar e fortalecer sua prática pedagógica. Isso se justifica porque o cuidado maior com a educação deve se dar no alicerce, pois este, quando bem edificado, dará sustentabilidade às demais fases

dessa construção, aqui simbolizando o atendimento educacional direcionado às crianças menores de seis anos.

4.1.2 Por identificação com a profissão de professor

No que diz respeito aos aspectos da “identificação com a profissão”, constatamos na fala de alguns professores que esse foi o motivo primordial para seu ingresso na Educação Infantil. Sabemos, pela experiência, que isso é bastante incomum quando se refere à EI, pois quase sempre a assunção de uma sala de atividades com crianças se dá por acaso ou por carência de professores, como vimos acima. No entanto, vejamos o que diz a seguinte professora:

Bom, é desde pequena. Eu queria ser professora e a minha família não queria que eu fosse, mas como eu... era um sonho desde pequena, desde criança, que eu queria ser professora... O engraçado é que quando a gente cresce, a gente muda, mas eu não mudei o meu sonho. Fiz faculdade de Pedagogia, passei e sou pedagoga pela UFC. Três meses depois que terminei a graduação fiz o concurso e passei em 2010 (Professora Jasmim).

Como podemos perceber na fala dessa professora, seu ingresso em uma sala de crianças era um sonho de infância. Contudo, podemos observar que sua família não queria que a ela fosse professora. Isso é o que percebemos com muita frequência na sociedade, pois, diferentemente do que já foi um dia, o professor hoje dificilmente é considerado uma pessoa importante socialmente, considerado um mestre do saber ou um sujeito altamente respeitado. Vive-se em uma época em que os limites e as responsabilidades dos agentes educativos foram retirados e confundidos, depois que passamos a falar de uma educação construtivista. No entanto, como sugere Charlot (2012), isso se deu sem que compreendêssemos bem qual seria o papel da escola e do professor construtivistas e, conseqüentemente, o papel da criança como um sujeito aprendiz.

Diante das dificuldades enfrentadas pelo campo da educação escolar, é louvável que pessoas como a professora Jasmim tenham o prazer de atuar na Educação Infantil e assumam o compromisso com as especificidades das crianças nos aspectos sociais, individuais, cognitivos e afetivos. Nessa perspectiva, o relacionamento afetivo que o professor tem com a criança colabora ativamente para o processo de construção de saberes e isso colabora com o desejo da criança em ir para a escola. Além disso, percebemos, em sua fala, o seu interesse em ser professora formada em Pedagogia, o que

nos leva a inferir que ela desejava ser uma profissional da área; afinal, para ela, não bastava somente ensinar as crianças, mas estar preparada para cuidar e educar.

Ainda sobre esse mesmo aspecto, outra professora também nos falou sobre o sonho de ser professora da Educação Infantil e da realização de estar nessa etapa da educação. Segue o relato da professora:

Quando eu era criança, eu queria ensinar criança, mas quando iniciei, eu não realizei o meu sonho porque eu não comecei com criança. Eu iniciei no fundamental I, multisseriado e tive muita dificuldade. Mas o desejo era tão grande de ser professora que não desisti. De repente, surgiu uma vaga para a Educação Infantil, pois eu sempre dizia que meu sonho era Educação Infantil. Aí me fizeram o convite e nunca mais saí, pois estou exatamente onde sempre sonhei (Professora Iris).

Como se pode perceber, a entrevistada Iris nunca desistiu de ser professora porque representava a concretização de um sonho de infância. Ainda que não fosse o trabalho com crianças que ela sempre sonhou, buscou sua realização em outras turmas, haja vista a oportunidade de inserir-se no meio educacional. Dessa maneira, pode-se dizer que estar na Educação Infantil é um grande estímulo para essa professora, haja vista a possibilidade de contribuir com a educação e, ao mesmo tempo, continuar realizando seu sonho como profissional.

Com base nesse relato, voltamos ao aspecto da necessidade de um desenvolvimento profissional na área, com respeito ao professor, pois, ao ser respeitado e reconhecido como um profissional, o professor pode ser mais bem valorizado. Para isso, são necessárias, além de justos salários, boas condições de trabalho e formação. Somente assim é que se pode pensar em uma educação de qualidade, considerando que qualidade na educação está atrelada a diversos fatores, entre eles, profissionais com competência técnica, habilidades e responsabilidades devidas para desempenhar seu papel no contexto da escola.

Além disso, a Educação Infantil deve ser um lugar acolhedor, o que dificilmente pode ocorrer com professores insatisfeitos e mal preparados. É necessário propiciar à criança oportunidades de experimentar, descobrir, manipular objetos e vivenciar situações em um ambiente seguro e acolhedor, permitindo à criança ser independente, fazendo-a sentir-se amada e reconhecida em suas tentativas. (BRASIL, 2006).

A relação professor-criança na Educação Infantil deve ir além do aspecto cognitivo e o papel do professor está muito além da transmissão de informações. Por isso,

acreditamos que exercer a docência na EI requer um olhar atento às especificidades da criança de 0 a 5 anos de idade, além de conhecer a história de vida das crianças. Certamente trata-se de um desafio para o professor que se propõe ensinar na Educação Infantil fomentar e mediar reflexões sobre desenvolvimento (MORIN, 2002). Nesse sentido, é inevitável não falar das parcerias, tais como a Secretaria de Educação, as formações específicas, a família, os outros professores e gestores, pois só será possível uma educação de qualidade quando houver uma verdadeira atenção por todos esses segmentos. Em outros termos, somente assim o professor da EI se tornará eficaz ao lidar com profundidade os aspectos essenciais do universo infantil citados logo acima.

4.1.3 A convite da secretaria

Outra forma de ingresso na educação das crianças, que foi mapeado das falas das professoras, diz respeito ao fato de terem sido convidadas pelos gestores da Secretaria Municipal de Educação. Vejamos, pois, como se deu esse ingresso a convite da Secretaria: “Eu ensinava o 2º ano e recebi o convite da Secretaria de Educação para eu assumir uma sala de 5 anos. Aí, eu aceitei e, desde lá, aqui estou. Estou gostando muito e não pretendo sair das turmas de 5 anos” (Professora Angélica).

Como podemos perceber na fala dessa professora, ela iniciou sua carreira de professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com base em outras informações, ela nos contou que não tinha uma formação específica para ser professora da EI, mas, mesmo assim recebeu e aceitou o convite da secretaria para atuar com as crianças. Isso é o que acontece frequentemente em nossa realidade, porém, é louvável ouvir da própria professora que ela está gostando e que não pretende sair.

Vale ressaltar que, atualmente, no período das entrevistas, a professora tinha acabado de concluir a graduação em Pedagogia e que estava cursando pós-graduação em Gestão Escolar. Isso nos mostra o seu desejo professora em continuar no universo infantil, pois, só assim, segundo ela, ficaria garantida nas suas turmas de 5 anos, que são de seu total agrado. No entanto, são duas informações que precisam ser mais bem discutidas.

A primeira delas diz respeito ao fato de que o convite da secretaria, na verdade, não foi feito a uma profissional formada, que viesse ampliar a qualidade do atendimento às crianças, mas, com muita probabilidade, por ser a necessidade de preencher uma vaga descoberta e que, talvez, poucas pessoas quisessem assumir. Nesse sentido, o convite

representa muitas vezes o preenchimento de vagas ociosas, em virtude da falta de profissionais habilitados, ou ainda em cumprimento a promessas firmadas em tempos eleitoreiros — o que aqui, talvez, não seja o caso. Portanto, esses convites precisariam ser mais criteriosos, com condições e perfis pré-estabelecidos de quem poderá assumir a vaga, na perspectiva da promoção de um atendimento de qualidade destinado às crianças.

No que concerne à segunda informação, seria muito mais alentador se a especialização que a professora tivesse cursando fosse na área da educação infantil, como a que motivou a presente pesquisa. No entanto, sua especialização foi na área de gestão, o que, talvez, pouco tenha a ver com sua área de atuação. Assim, entende-se que os moldes em que se configura a lotação ou contratação de profissionais ainda se dá de forma inconsequente, não considerando aspectos relevantes como, por exemplo, a formação do educador para a área em que vai atuar.

Com base no que foi discutido, podemos concluir que o que levou essas mulheres a assumirem uma sala de crianças era a intenção de não perder de vista o foco do seu trabalho, e nem perder a oportunidade de estar na educação. Por esse motivo, mesmo sem a devida habilitação específica para o ensino infantil, ao ser lançado o convite para atuarem nesse nível de ensino, não relutaram em assumir.

Passaremos, então, a analisar as mobilizações em torno da permanência delas na atividade que desenvolvem, ou seja, quais são os fatores que fazem com que essas mulheres, apesar de todas as dificuldades, ainda desejem permanecer como professoras da Educação Infantil.

4.2 Os móveis acerca da profissão

Segundo Charlot (2012), a autoestima e o sucesso pedagógico do professor dependem da mobilização intelectual das crianças. No entanto, a relação afetiva com estas parece ser muito importante no desenvolvimento dessa autoestima e dessa sensação de sucesso. Ou seja, parece ser mais fácil lidar com crianças menores, pois, segundo as professoras da rede municipal de Quixadá, o prazer que sentem de ensinar na Educação Infantil vem do fato de as crianças serem mais afetivas e escutarem com mais atenção o que elas dizem: “Eles são mais fáceis de lidar do que uma criança do Fundamental, porque os maiores se revoltam mais e as crianças, não. Eu me sinto bem com eles. Eles fazem algo e logo pedem desculpa. É mais fácil reverter a situação” (Professora Margarida).

Analisando os móveis acerca da profissão, percebemos que o vínculo afetivo com a criança faz com que as professoras gostem ainda mais da EI. Para elas, além de ver a aprendizagem da criança, o reconhecimento dos pais por seu trabalho como educadoras é fundamental para a sua satisfação profissional.

4.2.1 O vínculo afetivo com a criança

No momento da entrevista, quando perguntei às professoras se elas tinham prazer em educar e cuidar das crianças, logo as docentes falaram da satisfação de estar no universo da Educação Infantil. Vejamos o exemplo da fala da professora: “A gente também tem que dar carinho aos meninos, porque muitos deles não têm carinho. Às vezes, eles estão muitos agitados, aí a gente chega, dá um abraço e um beijo e eles se acalmam. Aí cria um vínculo” (Professora Margarida).

Como podemos perceber na fala dessa professora, os móveis mais expressivos que a levam a gostar e a permanecer na tarefa de cuidar e educar crianças consistem no prazer e no vínculo que se cria, mais facilmente, com as crianças dessa fase da educação básica, ao contrário das crianças maiores, que estão no ensino fundamental.

É esse sentimento de confiança e de prazer expresso pela professora que nos chamou a atenção, pois foi ele referenciado em várias falas durante a entrevista. Além disso, percebemos que as professoras gostam e se sentem mais capazes quando conseguem construir um vínculo afetivo com as crianças. Somente a partir daí é que elas consideram que as crianças se tornam aptas a se apropriar do conhecimento com autonomia, o que dá a essas educadoras a satisfação de poderem estar fazendo o seu papel de educadora da Educação infantil: “O afeto é algo imprescindível na educação, seja lá qual for a fase da vida humana. E quando tratamos de criança, então... Quando conquistamos afetivamente a criança, as relações melhoram e as predisposições para aprendizagem se dão de forma mais efetiva” (Professora Girassol).

Portanto, podemos afirmar que a afetividade das crianças é um móbil importante para os professores continuarem ensinando.

Segundo Charlot (2012, p.11),

só continua estudando quem encontra uma forma de prazer no estudo; quem não encontra nenhuma forma de prazer não vai continuar estudando. Portanto, acontece da mesma forma com o professor, pois qual é o sentido de ensinar hoje?

Qual o prazer de ensinar, ou seja, qual a fonte de desejo de ser professor hoje em dia?

Com base nas palavras do autor é que percebemos que todas as professoras entrevistadas, nas duas escolas, sentem prazer em ensinar na EI. Um dos motivos ou móveis que sustentam esse prazer reside no fato de as crianças, na visão delas, por serem menores, são mais dóceis e receptivas. Além disso, outras professoras afirmam ser a docência um sonho de criança. No entanto, todas elas têm um discurso de afetividade com a criança, sendo talvez esse o móbil mais forte.

4.2.2 A aprendizagem da criança

Na mesma perspectiva da afetividade, percebemos na fala das depoentes que um dos prazeres que elas têm na Educação Infantil é a evolução das crianças no processo de aprendizagem. Isso se explica, segundo elas, porque as crianças iniciam o ano letivo de um modo e, ao final, estão totalmente diferentes, tanto na sua interação em sala como na sua aprendizagem motora e cognitiva. Em relação às turmas de 4 e 5 anos, elas salientam que a evolução também acontece na aprendizagem da escrita, fazendo com que as crianças se apaixonem por esse processo de aprendizagem, conforme a fala da professora Jasmim: “É um prazer quando você vê a aprendizagem, a criança se desenvolvendo, ela aprendendo, quando ela chega e diz: eu aprendi! Ai, isso é tudo!”; e também da professora Girassol: “Eu gosto muito de ensinar, principalmente 4 e 5 anos, porque gosto de vê-los aprendendo”.

Analisando as falas das professoras, percebemos que elas se sentem realizadas quando ensinam crianças de 4 e 5 anos. Para elas, é mais visível a aprendizagem das crianças na idade pré-escolar, conforme já vimos anteriormente na fala de uma professora, quando relata que não quer mais sair da turma dos 5 anos. Além disso, elas falam do prazer e da emoção de ver o progresso intelectual da criança ao final de cada bimestre.

Quando produzem relatórios no final de cada bimestre e observam os avanços na aprendizagem da criança, na sua interação com os colegas e com a família, elas se satisfazem e se reconhecem como professoras. Nesse sentido, também enfatizam se há ou não o acompanhamento da família e a importância deste, além de observar os avanços cognitivo, perceptivo e psicomotor das crianças. Atrelado a esse móbil, outro motivo

bastante exposto pelas professoras é o reconhecimento dos pais acerca do trabalho que elas realizam com as crianças.

4.2.3 O reconhecimento dos pais

As entrevistadas reconhecem claramente a importância de continuar buscando o aprimoramento no contexto de seus trabalhos. Esse aprimoramento se relaciona ao reconhecimento que elas esperam obter dos pais das crianças em função do trabalho de qualidade que elas precisam realizar. Isso se justifica porque, na prática, muitos desafios não sendo apresentados e estes precisam ser resolvidos na proporção em que surgem.

Um desses desafios é exatamente a aprendizagem da criança, haja vista os pais sempre fazerem cobranças a esse respeito: “É um prazer quando você vê a aprendizagem da criança. No final do ano, os pais vêm agradecer eu acho que é a melhor coisa da Educação Infantil” (Professora Margarida).

Em cada formação, um aprendizado novo se soma e fortalece a prática dos professores. É importante ressaltar que, muitas vezes, o professor deve agir de forma sábia, pois nem sempre se encontra respostas imediatas para todos os processos que ocorrem na escola. Assim, as professoras só podem contar com a sua maturidade e a experiência em sala de aula.

O reconhecimento dos pais traduz a avaliação do nosso trabalho, o qual precisa ser permeado com o favorecimento de formações, sem contar com o aprendizado que se dá no dia-a-dia, na prática. A soma de tudo isso favorece nosso crescimento, e assim somos mais facilmente reconhecidas pela família dos nossos alunos, principalmente aqueles que acompanham o dia dos filhos na escola (Professora Orquídea).

É dessa experiência que nasce a sua profissionalidade, ou seja, a capacidade de fazer um bom trabalho, e o agradecimento dos pais é o reconhecimento que elas mais desejam. Com efeito,

a importância do envolvimento de pais nesta fase é então autoexplicativa: a família e escola/creche, juntas, podem promover situações complementares e significativas de aprendizagem e convivência que realmente vão de encontro às necessidades e demandas das crianças e de ambas as instituições. Apesar de haver diferenças distintas entre as obrigações da família e da escola, há também responsabilidades e objetivos incomuns entre elas (BHERING & INEZ, 2002, p. 65).

Nessa perspectiva, podemos observar na fala da professora que o reconhecimento dos pais, no fim do ano, faz com que ela possa sentir que está no lugar certo. Além disso, essa educadora tem certeza de que está fazendo o que gosta, pois se sente recompensada pelo esforço e dedicação às crianças, já que a parceria entre escola e família é algo tão almejado pelas instituições educacionais. Nesses aspectos é que se encontram os elementos que auxiliam a geração de imagens sobre si mesmas, construídas pelas professoras, as quais passaremos a discutir na sequência.

4.3 As imagens de si

O perfil do professor de Educação Infantil se constitui a partir do seu campo de atuação, considerando a realidade da criança como um ser em desenvolvimento, como sujeito histórico com direitos e necessidades. Nessa perspectiva, entende-se que o profissional que cuida e educa crianças deve ter consciência do papel que está assumindo, entendendo que crianças têm direitos e características que lhes são peculiares e que estas devem ser respeitadas e trabalhadas no contexto da Educação Infantil. Por esse motivo, a exigência de que o profissional da EI tenha conhecimentos específicos sobre a natureza das crianças, entendendo-a sempre como um ser em desenvolvimento, torna-se necessidade.

O professor da Educação Infantil, atualmente, se vê em um processo de mobilização entre o aprender e o ensinar, pois, à medida que participam das formações, dos momentos de estudos, do planejamento e das trocas de experiências entre os colegas, conseqüentemente estão aprendendo para melhor ensinar. Isso encontra fundamento no fato de que a prática e a teoria devem andar juntas no processo de ensino-aprendizagem.

Tal fato não é diferente para os professores da rede municipal de Quixadá, pois, nas escolas que visitamos na pesquisa, pudemos observar que existem professores que precisam estar sempre se atualizando e partilhando da experiência do colega. Existe também alguém apaixonado pelo que faz, alguém que educa ao passo que cuida da criança, além do professor extremamente responsável. São essas, pois, as imagens construídas de si mesmas que categorizamos a partir das falas das professoras.

4.3.1 Alguém que precisa estar sempre se atualizando e precisa da experiência do colega

Segundo Charlot (2012), a partir da década de 1980, o professor passou a ser um profissional, ou seja, saímos da lógica do professor funcionário e entramos na lógica do professor profissional. Professor profissional é alguém que consegue resolver o problema com saberes teóricos, práticas e experiências. Com base nessa afirmação, observamos que o papel do professor está atrelado à resolução dos problemas, os quais, por muitas vezes, são existentes fora da escola. No entanto, esses problemas terminam como sendo de responsabilidade do professor para resolver, pois, ao mesmo tempo em que educa, é preciso entender o processo de interação e socialização dentro e fora da escola, para que possa, assim, atender às necessidades da criança.

Para algumas entrevistadas, para ser uma boa professora da Educação Infantil é preciso estar sempre se atualizando e buscando novos conhecimentos. Segundo a professora Margarida:

Mesmo a gente tendo formações, nível superior, a gente tem que estar buscando novos conhecimentos. Porque educação é isso: é você estar sempre se programando, sempre buscando coisas novas, porque as coisas do mundo estão aí mudando e a tecnologia está aí. A tecnologia é uma ferramenta e a gente tem que 'tá' aprimorando, se não a gente fica pra trás (Professora Margarida).

Como podemos perceber na fala dessa professora, as formações são importantes para que o professor esteja sempre se provendo de conhecimentos novos. Tais formações trazem, segundo elas, ideias novas de como fazer e agir dentro da sala de aula. Apesar das dificuldades, é louvável que pessoas como a professora Margarida assumam o verdadeiro sentido da formação para o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, é importante que o professor realmente aplique o que viu nas formações, para assim entender que teoria e prática andam juntas no processo de ensino e aprendizagem das crianças.

As entrevistadas compreendem claramente a importância de continuar buscando o aprimoramento no contexto de seus trabalhos. Elas têm visto que é na prática que muitos desafios são apresentados e que precisam ser resolvidos na proporção em que surgem. Portanto, em cada formação um aprendizado novo se soma a outros e fortalece a prática dos professores.

Em relação ao modo como elas aprenderam a ser professoras, há uma evidência significativa em torno das formações e das práticas vividas em sala de aula, como relata a professora: “Eu sempre gostei desse trabalho coletivo dos professores,

trocando experiências e conversando. Porque, no planejamento, há trocas de experiências” (Professora Iris).

Algumas professoras falaram da importância do tempo em sala de aula. Devido a esse tempo de experiência, o seu modo de ensinar foi se aprimorando e a mesma se fortaleceu como educadora. Dessa maneira, a experiência tende a contribuir para o sucesso em sala de aula. Além disso, as trocas de experiências entre os colegas de trabalho, tanto nas formações como na própria escola, contribuem para que elas desenvolvam um trabalho de qualidade, tendo a criança com centro da aprendizagem.

4.3.2 Alguém apaixonado pelo que faz

No que diz respeito à imagem de “alguém apaixonado pelo que faz”, é importante ressaltar que, para as professoras, é por causa dessa paixão que as crianças também aprendem. Isso se dá, principalmente, por meio do prazer e da interação entre professor e aluno, afinal, cada criança é um ser diferente, tanto nas atitudes quanto na maneira de ver e de criar um mundo só seu. Porém, só é possível haver essa interação quando realmente o educador é apaixonado pelo que faz e tem a sensibilidade de perceber as limitações de cada criança, nos seus mais diversos aspectos, compreendendo o tempo de desenvolvimento de cada uma.

O professor pode influenciar de forma favorável no desenvolvimento da criança quando ele visa à qualidade da interação entre professor e aluno. Em concordância com isso, a professora Jasmim ressalta: “Continuo nesse trabalho porque eu gosto; é um sonho desde pequena e ele não mudou. Apesar de saber que não é só sonho, não é só alegria, tem as dificuldades, mas isso não me impede de continuar fazendo o que eu gosto” (Professora Jasmim).

Um aspecto muito importante na fala dessa professora são as dificuldades que a profissão apresenta. Ainda assim, isso não a faz desistir do que mais gosta de fazer que é trabalhar com os pequeninos. É louvável ouvir frases como essa, que nos mostram que existem educadores apaixonados pelo que fazem e que escolheram realmente ser professores, não estando lá apenas por acaso. Essas afirmações nos fazem refletir sobre a importância de lutar por melhorias para a Educação Infantil, pois somente haverá mudanças e melhorias se acreditarmos que, no futuro, a EI será uma etapa da educação altamente reconhecida e valorizada pelos governantes de nosso País.

Partindo dessa concepção, podemos dizer que o amor é uma das fontes de energia usada pelas professoras para chegar ao sucesso do desenvolvimento integral da criança. Isso foi o que as professoras, de um modo geral, relataram, acrescentando que só continuam na Educação Infantil porque realmente “amam o que fazem”, porque “gostam de criança”. Essas foram falas repetidas por todas as professoras, mostrando que afetividade é uma das formas de se construir uma relação favorável para o desenvolvimento integral da criança.

4.3.3 Alguém que educa ao passo que cuida da criança

Em resposta à pergunta “Por que continua nesse trabalho?”, as professoras falaram da consequência de uma ação que se faz diariamente com amor e responsabilidade. Para elas, cuidar e educar exige dos professores estudo, formação, dedicação, cooperação e, principalmente, amor. No entanto, esse amor não deve ser apenas delas, as professoras, mas de todos os responsáveis pelo processo das crianças, as quais se mostram dinâmicas e em constante desenvolvimento.

Isso pode ser visto na fala da professora abaixo:

Em relação a cuidar e principalmente educar, é isso que a gente vê mesmo, a gente sente a diferença do começo do ano e do final do ano. É muito lindo, é a melhor coisa... tudo vale a pena e é muito gostoso. Cuidar e educar é tudo, né? A gente sabe que, na Educação Infantil, eles não são inseparáveis, eles são associados: ao mesmo tempo que você cuida, você educa. Por exemplo, quando você leva uma criança pra tomar banho, estou limpando a sua cabecinha, o seu olhinho, porque ela vai aprendendo onde é a cabeça, o olho a boca (Professora Jasmim).

O aspecto interessante que a fala dessa professora nos mostra diz respeito ao prazer em cuidar e educar as crianças. Para ela, trata-se de algo extremamente prazeroso e gostoso. Assim, percebemos, pelas respostas, que há uma dedicação e alegria de cuidar e educar, como ela mesma ressalta que “é a coisa que eu tenho mais prazer”. Essa é uma expressão comum e repetida nas falas de todas as depoentes, as quais estão conscientes de que “a palavra cuidar e educar significa responsabilidade” (Professora Orquídea).

Nessa direção, podemos dizer que as professoras já estão bastante conscientes de que

o cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos

dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades socioculturais (BRASIL, 1998, p. 25).

Como se pode notar, essa é mais uma imagem que as professoras constroem sobre si. Segundo elas, jamais poderiam cuidar sem educar, pois entendem esse processo como atos que se completam. Desse modo, se veem como profissionais responsáveis e conscientes de saber o que estão fazendo na medida em que cuidam e educam as crianças, ou seja, são profissionais conscientes de suas responsabilidades.

Ainda ligado ao aspecto da responsabilidade, as professoras ampliam essa imagem de alguém que sabe cuidar e educar, mostrando-se como pessoas que sabem que esse é seu compromisso. Estar na Educação Infantil implica responsabilizar-se diretamente por seres que estão em processo de formação e que precisam de um olhar atento e atenção redobrada, com vistas à garantia de um atendimento que priorize acima de tudo o cuidar e o educar.

Por isso, o educador infantil precisa estar continuamente em processo de formação, compreendendo que suas responsabilidades são ilimitadas, que ensinar crianças é prazeroso, mas que, no entanto, as exigências são maiores, conforme mostraremos na sequência.

4.3.4 Alguém extremamente responsável

No tocante à imagem da pessoa com responsabilidade, compreendemos que as professoras se sentem e se percebem como pessoas altamente responsáveis. Isso se justifica por seu desempenho e dedicação em sala de aula, já que foi observado que elas falavam com entusiasmo sobre sua rotina diária de saída de sua casa para a escola, conforme a professora abaixo relata: “Tenho prazer de vir para minha sala de aula e, quando eu me atraso, as mães perguntam logo o que aconteceu, pois eu sou a primeira a chegar” (Professora Angélica).

Nota-se uma relação entre a professora e a família, pois quando fala que “as mães perguntam logo o que aconteceu”, ela quer demonstrar a preocupação de ser vista como a primeira a chegar na escola para, assim, receber as crianças pelas mãos da família, gerando confiança e, por conseguinte, uma convivência afetuosa entre as partes. Isso se justifica porque a Educação Infantil requer muito do professor, e a pontualidade e assiduidade são essenciais, já que os pais só se sentem seguros quando entregam seus

filhos nas mãos das professoras. Com isso, cria-se uma relação de confiança com a família, facilitando a aproximação da família das crianças com a escola.

Com base no que expusemos aqui, pode-se dizer que o perfil das professoras da Educação Infantil de Quixadá-CE se constitui de professoras que assumiram a educação das crianças com prazer e, embora com as limitações iniciais, se permitiram a aprender de forma prática, superando sempre os desafios que surgiram no desenvolvimento de seus trabalhos. Além disso, permanecem nessa tarefa porque se sentem mobilizadas em função da sua realização profissional.

A partir desses aspectos, elas se veem como pessoas que estão em constante processo de aprendizagem e que se identificam com o trabalho que realizam. Essas imagens que as professoras apresentam de si mesmas revelam, portanto, o comprometimento com o seu fazer e a consciência que elas têm no sentido de buscar sempre o aprimoramento naquilo que realizam, no caso, o cuidar e o educar das crianças que estão diretamente sob suas responsabilidades.

Considerações finais

Apresentaremos aqui, num primeiro momento, os pontos relevantes e as considerações finais do nosso estudo. Em seguida, apresentaremos as implicações da nossa pesquisa e concluiremos indicando sugestões de continuidade do referido trabalho.

PONTOS ESSENCIAIS DO TRABALHO

Neste trabalho monográfico, nosso propósito foi o de conhecer como se configura o perfil do professor da pré-escola em exercício na rede municipal de Quixadá-CE, tomando por base sua formação inicial, sua relação com a carreira e sua autoavaliação como profissional da EI. Para isso, entrevistamos seis professores da pré-escola, entre as escolas CEI Criança Feliz e Creche Sonho Infantil. Utilizamos ideias de autores como Kramer (1992), que fala sobre a importância da formação do professor da Educação Infantil, que exige uma ação conjunta nas instâncias municipais, estaduais e federais. Como opção metodológica, fizemos uso de entrevistas qualitativas. Após a análise dos dados, tecemos algumas considerações sobre o trabalho.

Em relação ao nosso primeiro objetivo específico, que versava sobre descrever o perfil de formação dos professores de Educação Infantil de Quixadá a partir do seu processo de formação inicial, concluímos que os professores evidenciam sua vocação como algo nato, como um sonho de criança, apesar de haver professoras que ingressaram inicialmente em outra área de ensino ou ingressaram por falta de profissionais na área; estas, ainda assim, afirmam gostar do que fazem. Assim, podemos dizer que, segundo as professoras, quanto menor a criança, maior deve ser o nível de conhecimento e de formação do profissional. Nesse sentido, as depoentes apresentam em suas respostas a valoração dada às formações que são proporcionadas através de políticas públicas municipais e estaduais e sabem de sua importância para a garantia da qualidade de seus trabalhos.

Ainda sobre esse aspecto, podemos considerar como um achado importante o compromisso do município de Quixadá em favorecer a esses educadores a formação inicial e em serviço, contribuindo para o aprimoramento das práticas pedagógicas em sala com as

crianças. Isso é relevante na medida em que surge a necessidade de um profissional habilitado, competente tecnicamente, que tenha conhecimento e que, acima de tudo, identifique-se com essa demanda, já que as crianças, estando em processo de formação, precisam ser muito bem educadas e cuidadas. Portanto, partindo desses pressupostos, entende-se que esse fazer não é fácil como muitos pensam, pois não basta apenas ter a formação específica em nível médio ou superior. Do profissional que atua com crianças pequenas e da gestão municipal são exigidos ainda outros fatores, como: o educador realmente gostar de crianças, ser valorizado como profissional da EI, além de haver uma ação conjunta com os gestores e a secretaria de educação para promover uma Educação Infantil de qualidade.

Falando agora de nosso segundo objetivo específico, o qual tratava acerca dos móveis desses professores acerca da profissão que exercem, podemos concluir que o vínculo afetivo com as crianças, a aprendizagem da criança e o reconhecimento dos pais são uns dos principais fatores que fazem com que elas permaneçam na Educação Infantil. Dessa maneira, percebemos o quanto a EI está atrelada à afetividade tanto para criança como para o professor, já que ambos, segundo os relatos, necessitam de afeição — as crianças pelos professores, e os educadores pelos pais e pelas crianças. Por conseguinte, a família precisa sentir que essa relação é verdadeira e segura, pois a escola é um lugar que colabora para que essas relações se solidifiquem e o professor é um forte elemento de mobilização, já que, segundo Barcelos (2010), o relacionamento com o professor colabora com o desejo do aluno de insistir na sua escolarização.

Por fim, em relação ao nosso terceiro e último objetivo específico — o qual tratava acerca das análises das imagens de si construídas pelos professores da Educação Infantil a partir de sua autoavaliação enquanto profissionais —, podemos concluir que existem professores que precisam estar sempre se atualizando e partilhando da experiência do colega; existem também aqueles apaixonados pelo que fazem, que educam ao passo que cuidam da criança; e há ainda e o professor extremamente responsável. Dessa maneira, percebemos que o professor de Educação Infantil se constitui a partir de seu campo de atuação, entendendo que crianças têm direitos e características que são peculiares à sua idade, exigindo desse profissional que cuida e educa, ao mesmo tempo, que tenha conhecimentos específicos sobre a natureza da criança.

Por essa razão, é possível dizer que as professoras entrevistadas compreendem claramente a importância de continuar buscando o aprimoramento no contexto de seus

trabalhos, tendo em vista que é na prática que muitos desafios se apresentam e precisam ser resolvidos na proporção em que surgem. Afinal, sabe-se que cuidar e educar exige dos professores estudo, formação, dedicação, cooperação, e, principalmente, responsabilidade e compromisso por parte de todos os responsáveis pelo processo, que se mostram dinâmicos e em constante evolução.

Com base no exposto, consideramos que o perfil do professor de EI no município de Quixadá-CE se configura como uma identificação das profissionais com o nível de ensino em que trabalham, gerando assim a satisfação em realizar suas atividades. Assim, vale ressaltar que “Satisfação no trabalho é um sentimento agradável que resulta da percepção de que nosso trabalho realiza ou permite a realização de valores importantes relativos ao próprio trabalho”. (WAGNER; HOLLENBECK, 1999, p.119). Portanto, o grupo de professoras entrevistadas expressa o prazer de fazer parte do corpo docente da Educação Infantil, em ambos os espaços do universo da pesquisa, pois denota como consequência de uma ação que se faz diariamente com compromisso, amor e responsabilidade.

IMPLICAÇÕES DA PESQUISA

Os resultados que esse trabalho nos permitiu encontrar podem ser úteis à área da Educação Infantil porque, fazendo parte do contexto de uma das creches analisadas, posso afirmar, após o estudo, e agora embasada pela fundamentação teórica adquirida durante a revisão bibliográfica, que a prática do professor da Educação Infantil, precisa ser fortalecida periodicamente com formações específicas e abordagens que venham de encontro às necessidades das crianças. Isso quer dizer que o debate sobre a formação de professores para a Educação Infantil não esgota aqui: pelo contrário, abre um canal de possibilidades de conhecer com mais profundidade e dar continuidade à exploração da temática, tendo em vista que a formação ainda é bastante complexa.

Embora sejamos conscientes de que houve bastantes avanços, não podemos negar que, por se tratar de uma responsabilidade de cunho municipal, nem sempre os gestores fazem o investimento necessário para esse fim. Embora o cenário da pesquisa apresente-se favorável em relação à formação dos educadores infantis no município de Quixadá-CE, essa realidade não é universal, pois nem todos os profissionais da Educação Infantil têm a formação inicial nem recebem a formação devida, e a falta desta é um implicador negativo para o processo de formação da criança.

Outra implicação relevante de nosso trabalho reside no fato de que gestores municipais e os gestores escolares precisam lotar profissionais especializados na área em que atuam, a partir do seu processo de formação inicial. Assim, nosso trabalho contribui para promover uma discussão sobre essa temática, no sentido de valorizar a formação inicial dos profissionais que atuam junto às crianças pequenas. Logo, se faz necessário desenvolver mais estudos nessa temática.

SUGESTÕES DE CONTINUIDADE DA PESQUISA

Como primeira sugestão de continuidade, pensamos que seria muito interessante entrevistar os gestores escolares e municipais sobre a importância que eles dão à Educação Infantil, pois a qualidade da EI depende do comprometimento com essa área de ensino. Assim, se poderia descobrir por que existem professores no fim de carreira e sem a formação inicial na EI atuando nessa modalidade. Nesse sentido, defendo uma Educação Infantil de qualidade, que se dá pelo comprometimento e valorização da Educação Infantil, começando da própria contratação desses profissionais.

Uma segunda sugestão seria, através da Secretaria de Educação e das técnicas, investigar como os professores se sentem com relação às formações e à sua aplicação em sala de aula, já que a maioria relatou como positivas as formações. Nesse sentido, é válido que os gestores acompanhem como se dá essa aplicação dos conhecimentos adquiridos, não para serem vistos como alguém que está ali para apontar os erros, mas como alguém disponível para ajudá-los.

Referências

ANGOTTI, M. (org.) **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2010.

ARIÉS, P. **História Social de criança e de família.** Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1981.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força.** Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1999.

BARCELOS, V. **Educação de jovens e adultos: currículo e práticas pedagógicas.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BHERING, E.; DE INEZ, T. B. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol.18, n. 1, p. 63-73. Abr 2002,

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho.** Decreto-lei n.º 5.452, de 1 de maio de 1943. Lex: coletânea de legislação: edição federal, São Paulo, v. 7, 1943. Suplemento.

BRASIL. **Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).** Lei no 11.494, de 20 de junho de 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. **Referencial Curricular Para a Educação Infantil.** v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARLOT, B. A mobilização no exercício da profissão docente. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 7, n. 13, janeiro/julho 2012.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: ArtMed, 2000.

DIDONET, V. Creche: a que veio, para onde vai. *In: Educação Infantil: a creche, um bom começo.* Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Brasília, v. 18, n. 73, 2001. p. 11-28.

DIEB, M. **Móveis, sentidos e saberes: o professor da educação infantil e sua relação com o saber.** Tese de doutorado. Fortaleza: Faced, UFC, 2007.

FREITAS, H. C. L. de. A reforma do Ensino Superior no campo da formação dos profissionais da educação básica: as políticas educacionais e o movimento dos educadores. **Educação e Sociedade**, ano XX, n.68, p.17-44, dez, 1999.

GHEDIN, E. FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, M. de O. **Formação de professores na a educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2009.

KRAMER, S. (Org.) **Com a Pré-Escola nas mãos**: Uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo. Autores associados. 1992.

KRAMER, S. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. *In*: MACHADO, M. L. de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 117-131.

KRAMER, S. **Profissionais de educação infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2006.

KUHLMANN Jr., M. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004. Primeira edição: 1998.

LEITE, Y. U. F. Formação dos profissionais em educação infantil: Pedagogia x Normal Superior. *In*: MACHADO, M. L. de A. (Org.). **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 189-196.

MACHADO, M. L. de A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARQUES, M. O. **A formação do Profissional de Educação**. Ijuí. Editora da Unijuí, 2000.

MICARELLO, H. Formação de professores da educação infantil: puxando os fios da história. *In*: ROCHA, E. A. C.; KRAMER, S. (Org.). **Educação Infantil**: enfoques em diálogo. 3. ed. Campinas: Papirus, 2011. p. 211-27.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Cortez: UNESCO, 2002.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. O desenvolvimento profissional das educadoras de infância: entre os saberes e os afectos, entre a sala e o mundo. *In*: MACHADO, M. L. A. (Org.). **Encontros e desencontros em Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 133-167.

OLIVEIRA, M. I. ; PEREIRA, A. M. Formação docente e prática pedagógica na educação infantil. *In*: CARVALHO, D.C.; BITTAR, M. ; GRANDO, B.S. (Org.). **Currículo, diversidade e formação**. Florianópolis: UFSC, 2008, p. 147-166.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

REDIN, E. Qual o perfil profissional de Educação Infantil? *In: Portal Kidesmart*. Disponível em: <http://www.ibmcomunidade.com.br/kidsmart/detleitura.asp?codigo_leitura=147&codigo_idioma=3>. Acesso em: 8 maio 2008.

RIZZO, G. **Creche**: organização, currículo, montagem e funcionamento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROCHA, E. A. C. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia da Educação Infantil. Tese (Doutorado em Educação). Campinas - SP: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

SANTOS, A. R. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 6 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

WAGNER III, J. A; HOLLENBECK, J. R. **Comportamento Organizacional**: Criando vantagem competitiva. São Paulo: Saraiva, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A**TERMO DE CONSENTIMENTO E ENTREVISTA**

Prezado(a) colaborador(a),

Quero inicialmente agradecer por sua disponibilidade para colaborar com a minha pesquisa. Quero, outrossim, solicitar a sua permissão para fazer uso das informações aqui fornecidas, a qual será automaticamente concedida mediante sua assinatura logo abaixo, considerando que seu nome não será revelado sob hipótese nenhuma na divulgação dos dados da pesquisa.

Atenciosamente,
Manuela Pinheiro

Assinatura do colaborador da pesquisa,
ciente da autorização que me concede

Idade _____

Religião _____

Formação Inicial

Estado Civil _____

Tempo de atuação como professora _____

Tempo de atuação como professora da pré-escola _____

Atividade que exercia antes de ser professora _____

APÊNDICE B

ROTEIRO DA ENTREVISTA

I - A HISTÓRIA PROFISSIONAL E A MOBILIZAÇÃO PARA CUIDAR E EDUCAR CRIANÇAS

- Como você se tornou professora da Educação Infantil?
- Você tem prazer em cuidar e educar as crianças?
- Por que continua nesse trabalho?

II – A RELAÇÃO COM O SABER E O APRENDER

- Como você tem adquirido formação para melhor desempenhar sua prática de ensino com as crianças?
- Você tem dificuldades em trabalhar com as crianças? Quais são elas?
- O que é preciso aprender para ser uma boa professora de Educação Infantil?
- Como você tem aprendido a ser essa professora?

II – A IDENTIDADE PROFISSIONAL

- Além de ensinar na educação infantil você gostaria de atuar em outra área ou profissão? Por quê?
- É satisfatório para você atuar nessa área?
- Você acha que está atuando na área que correspondente a sua formação? Por quê?
- Você se identifica com esse trabalho com as crianças? Por quê?